



## IMAGENS DO FUTURO NOS MUSEUS: *uma perspectiva histórica*

Ingridde Engel Alves dos Santos<sup>1</sup>

A pesquisa, ainda em andamento, analisa as imagens do futuro nos museus a partir de uma perspectiva histórica, buscando compreender as transformações que possibilitaram regimes de historicidade distintos na modernidade e na contemporaneidade. Refletindo sobre a possibilidade dos os museus serem capazes de revelar os futuros concebidos em diferentes temporalidades, propusemos, nessa dissertação, a realização de uma pesquisa sobre as maneiras históricas de imaginar o porvir. Imagens de futuro que, por algum motivo, parecem movimentar sonhos e impulsionar a criação dos mais diversos dispositivos, incluindo os museus. Nosso corpus de pesquisa é formado pelo que chamamos de imagens exemplares, que estão presentes nos discursos sobre os museus: em narrativas hegemônicas presentes na política, na literatura, nas artes, na imprensa, na publicidade e em outros meios onde essas vozes se cristalizam.

Uma das imagens que retrata o futuro imaginado nos dias atuais está presente nas narrativas a respeito do Museu do Amanhã, inaugurado em dezembro de 2013, na cidade do Rio de Janeiro. Por meio de projeções científicas, a exposição permanente “Amanhãs”, revela que em nosso futuro viveremos em um tempo com maiores taxas de natalidade e menores de mortalidade, conviveremos meio a fortes desigualdades sociais e ainda, devido às transformações no clima e na biodiversidade espera-se o advento de catástrofes “naturais”. Com base nesse futuro que já se faz presente, a mostra tem como lema a seguinte frase: “em um futuro de incertezas e desafios, construiremos amanhã a partir de nossas próprias escolhas, individuais e coletivas”<sup>2</sup>. O futuro já não é mais o era.

Para entender as transformações que levaram a sociedade contemporânea a imaginar o futuro dessa maneira, como vimos no Museu do Amanhã, voltamos então ao

---

<sup>1</sup> Mestranda na linha de pesquisa Imagem, Som e Escrita – PPGCOM/FAC – UnB. Orientadora: Prof. Dra. Cláudia Sanz. E-mail: [ingridde08@gmail.com](mailto:ingridde08@gmail.com)

<sup>2</sup> Trecho retirado do site do Museu do Amanhã: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/amanhas>. Acesso em 19 de novembro de 2018.



período moderno, recuo histórico em que procuramos compreender a passagem de um sistema clássico para um sistema moderno de classificação das coisas nos museus. O primeiro encontra-se refletido na forma como os homens do século XVII organizavam seus pertences em gabinetes de curiosidades de uma forma mais desprendida e menos categórica; o segundo nos mostrou algo diferente, os gabinetes começam a entrar em declínio em meados do século XVIII, quando, para Gumbrecht surge o observador de segunda ordem; para Foucault, ocorre uma crise de representabilidade; e o tempo, para Koselleck, começa a acelerar. Para Huyssen, uma sociedade tradicional sem um conceito secular de história teleológica não precisa de um museu, mas a Modernidade – onde o novo parecia envelhecer em um ritmo mais rápido do que no velho continente – é impensável sem o seu projeto museal<sup>3</sup>. No século XIX, os museus parecem surgir também como produtos dessas transformações sociais e passam a ser pensados a partir de ideais de progresso, assim como foi pensado o conceito evolutivo de história na época.

Com base no que estudamos até o momento, descobrimos que os museus são também criados e retroalimentados por sonhos de futuro. Mesmo partindo dessa premissa, o passado não é uma categoria descartada, muito pelo contrário, pois a forma como os museus vêm organizando o passado parece ter muito a nos dizer sobre a forma como o futuro vem sendo imaginado historicamente. O modo como pensamos, falamos e organizamos a memória está sempre relacionado, de alguma maneira, com aquilo que imaginamos e desejamos para o amanhã. Guardamos para um dia lembrar. Arquivamos nossas experiências para um dia nos encontrarmos novamente com elas. Passamos então a reconhecer nos museus dispositivos temporais, capazes de criar, inventar não apenas narrativas sobre o passado, mas também sobre o porvir; como frutos de maneiras singulares de dar sentido ao tempo (passado, presente e futuro), como produtos de modalizações temporais que parecem instituir regimes de historicidade distintos aos tempos em que emergem.

**Palavras-chave:** futuro; museu; memória; modalização temporal; regimes de historicidade.

---

<sup>3</sup> Huyssen, 1995 p.15 (tradução nossa).



## Referências

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUMBRECHT, Hans. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HUYSEN, Andreas. **Escape from amnesia: the museum as mass médium**. In: *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*. New York: Routledge, 1995.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição á semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.